

VI

Não sei o que sentir, não sei o que fazer, estou á porta da casa da ‘Jenny’ e não sei o que fazer.

Hesitação, ansiedade ou medo... está calor aqui ou é impressão minha. Está de noite, o clima está perfeito e suo tanto quanto uma rosa irradia perfume. (Será do *climax*?! - perguntaria o Zé Maria)

Eu até não tenho alguma relação com a ‘Jenny’, ela é uma inoportuna, mas, afinal aqui estou eu, confuso e sem saber o que fazer. Já sei, penso que já sei, devo telefonar-lhe: Cabina! Cabina de telefone! Cabiiiiina!!! não, não, não preciso cabina, tenho telemóvel; o número dela, *fogo!* perdi o número dela. Ando ás voltas, *fogo!* já sei o que fazer!... *fogo!* não, não sei o que fazer. (*fogo?* Aonde? hum,

estou a ver o Camões: na-na-na é fogo que arde sem se ver; hum, então é esse fogo)

Decidi-me, devo tocar á campainha, mas, se o fizer, por qual nome chamarei se não for a ‘Jenny’ a atender, sei que ‘Jenny’ é um *nick*, não é o nome próprio dela. O que faço? (começa por deixar de andar tanto ás voltas.)

O telemóvel toca. – Que é isto! Não acredito será ela, a *bombóca*. A ‘Jenny’. Mesmo a tempo de me safar deste sufoco. -

- Alô! É aquele que na *net* se chama ‘Arnaldo Fase Negra’ - Falou-me uma rapariga, de voz doce, uma voz que sem dúvida estava acompanhada de uma dama, igualmente, totalmente, doce. Dei graças a mim próprio era a ‘Jenny’, pela conversa só poderia ser.

Eu respondo-lhe: - Sou. Mas chama-me Romeu. É menos comprido. É mais bonito. Chama-me Romeu. Desculpa-me! mas, por favor: És a ‘Jenny’! -

Por instantes senti-me a tremer. E se a resposta vier na negativa? O que farei? Se for esta voz a de uma amiga da ‘Jenny’, ou pior, uma colega minha da escola, a perguntar-me, com toda a candura, se por acaso, eu já teria acabado todo o trabalho de grupo que deverá ser apresentado na Segunda seguinte. O que farei? Mas... não devia ser, chamou-me ‘Arnaldo Fase Negra’ ninguém mais, senão a ‘Jenny’, conhece-me assim. Este nome, a todos, eu apresentava-o como AFN.

Era a 'Jenny', tinha quase a certeza. Inspiro fundo e digo para mim - Devo ser o homem mais feliz do mundo, ou exactamente o contrário.

E imediatamente (pensas muito em pouco tempo: isso é bom.) recebi a resposta. E escorregou aos meus ouvidos uma voz doce como o mel, uma voz meiga, suave, alegre como um rouxinol, que falou como se estivesse a cantar. E encantou-me: - Engraçado, que bela coincidência, sou eu sim, a 'Jenny' e o meu nome é Julieta. -

Nem pude acreditar, pelos nossos nomes, fomos feitos um para o outro. Eu nem queria acreditar nisto que parecia um romance escrito há muito, uma história escrita para embalar em sonhos do mais cor-de-rosa. Disse-lhe: - Feliz coincidência, será que as nossas famílias se odeiam. Estou a brincar! - mas ouvi do outro lado da linha uns risinhos. Feliz de mim, fiz lhe rir. - Sabes 'Jenny'... hã! sim! desculpa-me, ainda não me habituei à ideia de te tratar por Julieta, estou á porta da tua casa, hum... penso eu. Estou á tua espera, se vieres á janela, ou á varanda, que dá para uma árvore bem frondosa, serei o rapaz mais bonito que lá está encostado com uma rosa na mão e ansioso por te falar... sem ser pelo telefone. (mas qual rosa!)

E logo ela respondeu. Pareceu-me um pouco surpreendida ao início, mas, depois alegre no final, pois, percebi nela animação: - Já estás aqui!!! Então eu serei a rapariga vestida de branco na noite, que vai estar na varanda do 2ºandar, a... a acenar! -

“Vestida de branco na noite” disse ela no seu, muito próprio, tom de mel. O telefonema terminou e ela aparece-me á varanda. Como também ela não acenou, senti compensado o facto de não ter comigo a tal rosa.

Recuei um pouco para a ver melhor. E vi-a. Não era tão bela como uma deusa, mas tinha voz de uma. Tinha os cabelos soltos ao vento e o que ela vestia, pareceu-me ser um vestido de dormir, mas, ondeando ao desleixo daquele saboroso vento que conseguiu carregar até mim pelo ar durante uns curtos segundos, mas saborosos, o perfume dela, eu poderia dizer que era algo parecido ás vestes de alguém que comprou um vestido três números acima, mas continuemos... (falando assim deves é gostar de surpresas) ...também a distância que nos separava não era pouca e a luz da lua, embelezava-a? talvez... donde estava não conseguia perceber... a lua era recente, era nova! (és *mêm* parvo...)

De qualquer forma, já não queria saber disso, estava eu encantado com a sua voz e até já tinha esquecido as vezes que ela me fora inoportuna na *net*. De seguida em gestos, convidou-me a subir, a entrar em sua casa. Mas eu não me sentia lá muito á vontade em subir até á casa dela e então em gestos agradeci o convite, mas tive que recusar. Ela insiste e *glamourosamente* diz-me: - Anda lá, sobe, ninguém te irá fazer mal. - Aquela voz é mel... mas eu não pude

mesmo aceitar e disse-lhe iria ficar no banco que ali estava, sentado, á espera dela. Ela então diz-me: - Depois não digas que não te avisei... - Mostrou-me um sorriso, deu meia volta e seguiu para dentro.

E eu, sentado num banco, esperei ela chegar e imaginei que as coisas inoportunas que ela me *teclava*, se calhar, não eram tão inoportunas quando ditas por aquela voz. Nada dito por aquela voz, poderia parecer inoportuno, ouvir a voz da Julieta, era um gosto, que quando em falta, facilmente, se transformaria num desejo vulcânico. Se bem que muitas das coisas inoportunas que ela *teclava-me* vinham bem a calhar, mas eu é que não conseguia evitar de lhes considerar inoportunas. Mas, depois pensei, que este meu querer em vir visitar o Barreiro, não tinha passado de um simples pretexto do meu verdadeiro querer - conhecer a 'Jenny' acho que desde o inicio estive encantando por ela.

Quando ia, de impaciência (há pois, vinte e quatro minutos há espera, é obra...) dar uma vista de olhos mais ampla sobre o local, uma luz que vem de dentro do prédio onde mora a Julieta, acende-se e pois claro rouba-me a atenção. Segundos depois, vejo uma pessoa, melhor, a sombra do corpo de uma pessoa pelo vidro fosco da porta da entrada. Imaginei que fosse a Julieta e quando a porta abriu-se, realmente, encaminhei-me á porta e aprontei-me para receber a

Julieta, pensei mil e uma maneiras de receber a Julieta e quando decidi-me: sai-me uma rapariga de vestido branco, um vestido que embora simples era próprio a uma princesa. Aquele vestido servia a essa rapariga como o nome Julieta servia ao nome Romeu. Ela estava *trés belle*. Parecia que a rapariga e o seu vestido, eram um só preparado para apaixonar quem lhe olhasse. E tal como ouvir a voz da Julieta, era um pranto olhar para ela. E eu tanto que a olhei, tanto que a deslumbrei, tanto... que reconheci a rapariga. Ela era a rapariga que havia prendido a minha atenção, os meus sentimentos, a minha razão, a minha visão, o meu Eu, quando por mim passou na estação dos barcos se voltou e... piscou-me o olho. (acreditas mesmo nisso! Vai em frente!) É ela nem duvido, as suas feições, a sua maneira de andar, este perfume, o instinto a sussurrar-me que é ela e eu, não pude deixar de lhe falar, ou melhor não podia, mas mais uma vez não sabia o que fazer.

Já sei: chego até ela, olho nos seus belos olhos e faço uma pergunta inocente, só para captar a sua atenção á minha existência e talvez, começar assim e porque não, um romance. Uma pergunta, mais ou menos como...:

- Desculpa, espero não te estar a roubar muito tempo, mas que horas são? - Fiz-lhe a pergunta. Envergonhadamente. Sem sequer dirigir-me a ela mesmo a sério e sem o meu charme, nem quanto

mais o meu olhar dentro do dela. Nada aconteceu como planeava. Foi, fui um fracasso. O mais provável é ela nem sequer ligar á minha pergunta, fingir que não me ouviu

...Mas! ...Será verdade! É incrível! Ela deu-me resposta. È verdade, ela realmente, falou comigo. Tão espantado que fiquei, com o facto dela ter falado comigo, que nem sequer me lembro da resposta dela e tão maravilhado que fiquei quando ela falou, que, quase nem me apercebia que... mas como... como poderia... a não ser que!.. não! ...não! ...Era felicidade a mais... não, não podia... ela não pode ser... a Julieta! Soltei um riso encoberto e ecoou no meu cérebro um obrigado a meu Deus.

O espírito que nos ronda e nos mete medo é o nosso.